

Construindo uma teoria multifactorial da notícia como uma Teoria do Jornalismo

Jorge Pedro Sousa

Resumo

Neste texto, o autor sustenta que existe conhecimento empírico e reflexivo suficiente para se estruturar uma Teoria da Notícia capaz de responder às questões “por que é que as notícias são como são?”, “por que é que temos as notícias que temos?” e “quais os efeitos das notícias?”. O autor apresenta, assim, a sua Teoria Multifactorial da Notícia, que beneficia do trabalho de pesquisadores como Michael Schudson (1988) ou Shoemaker e Reese (1991) e se estrutura em três equações interligadas. A primeira das equações mostra que a notícia é um produto de nove variáveis; a segunda equação mostra que a notícia tem efeitos fisiológicos, afectivos, cognitivos e comportamentais sobre as pessoas e que esses efeitos dependem das várias circunstâncias do receptor; a terceira equação evidencia que a notícia tem efeitos sobre a sociedade, as ideologias e a cultura (o que se reflecte na história).

Palavras-chave

Jornalismo, notícia, teoria da notícia

Abstract

In this text, the author supports that existent empirical and reflective knowledge is sufficient to structuralize a News Theory capable to answer to the questions “why are news as they are?”, “why does we have the news that we have?” and “which are news effects?”. The author presents, thus, its Multifactorial News Theory, that benefits of the work of some researchers like Michael Schudson (1988) or Shoemaker and Reese (1991) and is structured in three linked equations. The first of the equations shows that each news is a product of nine variables; the second equation show that each news has affective, cognitive and behavioural effects on the people and that these effects depend on the some circumstances of the receiver; the third equation evidences that each news has effects on the society, the ideologies and the culture (what is reflected in history).

Keywords

Journalism, news, news theory

1. Introdução

À semelhança das ciências exactas e naturais, as ciências humanas e sociais devem procurar agregar os dados dispersos fornecidos pela pesquisa em teorias integradoras susceptíveis de explicar determinados fenómenos com base em leis gerais predictivas, mesmo que probabilísticas. As ciências da comunicação devem, assim, ultrapassar a sua condição de “disciplinas sérias”, como lhes chamou Debray¹, para assumir a sua cientificidade, como pretendia Moles (1972). Isto implica avançar para a enunciação de teorias sempre que os pesquisadores considerem que existem dados científicos e evidência suficientes. No campo do jornalismo, essa opção tem sido seguida por pesquisadores como Shomaker e Reese (1992), Sousa (2000, 2002) e mesmo Schudson (1988), contando, porém, com a oposição de autores como Traquina (2002) ou Viseu (2003).

Uma teoria do jornalismo deve partir da observação de que há notícias jornalísticas² e de que estas têm efeitos. Em resultado desta evidência, uma teoria do jornalismo deve centrar-se no produto jornalístico – a notícia jornalística, explicando como surge, como se difunde e quais os efeitos que gera. Em suma, a teoria do jornalismo deve substancializar-se como uma teoria da notícia e responder a duas questões:

- Por que é que as notícias são como são e por que é que temos as notícias que temos (circulação)?
- Quais os efeitos que as notícias geram?

Uma teoria da notícia, à semelhança de outras teorias científicas, deve ser enunciada de maneira breve e clara, deve ser universal, deve ser traduzível matematicamente e deve ainda ser predictiva. Deve

atentar no que une e é constante e não no que é acidental. Isto significa que o enunciado da teoria deve ser contido, explícito e aplicável a toda e qualquer notícia que se tenha feito ou venha a fazer. Uma teoria da notícia, como qualquer teoria científica, será válida unicamente enquanto não ocorrerem fenómenos que a contradigam, pois o conhecimento científico, que é construído, como qualquer outro tipo de conhecimento, é marcado pela possibilidade de refutação e, portanto, pela revisibilidade.

À luz do que foi dito, este texto tem por objectivo contribuir para a edificação de uma teoria da notícia, enquanto teoria do jornalismo, marcada pela cientificidade e pela matematização.

2. Notícia

Uma teoria científica tem de delimitar conceptualmente os fenómenos que explica e prevê. A teoria do jornalismo deve ser vista essencialmente como uma teoria da notícia, já que a notícia é o resultado pretendido do processo jornalístico de produção de informação. Dito por outras palavras, a notícia é o fenómeno que deve ser explicado e previsto pela teoria do jornalismo e, portanto, qualquer teoria do jornalismo deve esforçar-se por delimitar o conceito de notícia.

É preciso também notar que o conceito de notícia tem uma dimensão que poderíamos classificar como tática e uma dimensão que poderíamos classificar como estratégica. A dimensão tática esgota-se na teoria dos géneros jornalísticos. Nessa dimensão, distingue-se notícia de outros géneros, como a entrevista ou a reportagem. Todavia, a dimensão estratégica encara a notícia como todo o enunciado jornalístico. Esta opção é aquela que interessa à teoria do jornalismo enquanto

¹Entrevista a Régis Debray, conduzida por Adelino Gomes e publicada no suplemento Mil Folhas do jornal Público, a 23 de Novembro de 2002.

²Ou seja, há notícias produzidas pelo sistema jornalístico a partir de referentes reais.

teoria que procura explicar as formas e os conteúdos do produto jornalístico.

Complementando uma definição de notícia dada por Sousa (2000, 2002), pode dizer-se que uma notícia é um artefacto linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia.

A notícia é um artefacto linguístico porque é uma construção humana baseada na linguagem, seja ela verbal ou de outra natureza (como a linguagem das imagens). A notícia nasce da interacção entre a realidade perceptível, os sentidos que permitem ao ser humano “apropriar-se” da realidade, a mente que se esforça por apreender e compreender essa realidade e as linguagens que alicerçam e traduzem esse esforço cognoscitivo.

As notícias ocupam-se com as aparências dos fenómenos que ocorrem na realidade social e com as relações que aparentemente esses fenómenos estabelecem entre si. A notícia não espelha a realidade porque as limitações dos seres humanos e as insuficiências da linguagem o impedem³. Por isso, a notícia contenta-se em representar⁴ parcelas da realidade, independentemente da vontade do jornalista, da sua intenção de verdade e de facticidade. Essa representação é, antes de mais, indiciática⁵. A notícia indicia os aspectos da realidade que refere. Ao mesmo tempo, a notícia indicia as circunstâncias da sua produção. Ou seja, entre notícia,

realidade e circunstâncias de produção há um vínculo de contiguidade. Mas a notícia pode também ter estabelecer relações de semelhança com a realidade que referencia. Por esse motivo, a notícia pode assumir igualmente uma dimensão icónica⁶, correspondente, aliás, à própria ambição de iconicidade dos jornalistas que a produzem, ou seja, à vontade de o enunciado produzido (notícia) ser semelhante à realidade enunciada.

Vários factores interferem na construção da notícia. A natureza indiciática da notícia, ou seja, o facto de na notícia estarem indiciadas as circunstâncias da sua produção, permite determinar esses factores, nos quais se devem basear as explicações que se dão para explicar por que temos as notícias que temos e por que as notícias são como são. Na teoria unificada do jornalismo que neste texto se sustenta, esses factores podem ser de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos.

Uma teoria do jornalismo deve ocupar-se unicamente da notícia enquanto fenómeno jornalístico, isto é, deve ocupar-se dos enunciados que são produzidos por jornalistas credenciados e que são veiculados em espaços jornalísticos por meios jornalísticos⁷.

A notícia comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural. Se dentro de um contexto um determinado facto emerge da superfície plana da realidade, sendo percebido como notável e, portanto, como um acontecimento digno de se tornar notícia (Rodrigues, 1988), noutro contexto esse mesmo facto pode passar despercebido por não ter um enquadramento que permita observá-lo como um facto notável, ou

³Para uma melhor compreensão deste fenómeno, consulte-se a tese doutoral de José Rodrigues dos Santos (2001).

⁴Alguns semióticos dizem mesmo simular.

⁵Recorre-se aqui à clássica divisão dos signos estabelecida por Peirce.

⁶Também pode funcionar como símbolo, mas esta discussão já transcende os objectivos da presente definição de notícia.

⁷Para efeitos deste artigo, é estéril debater as fronteiras do jornalismo, o que é e não é jornalismo, quem é e quem não é jornalista, o que é ou não é um meio jornalístico.

seja, como um acontecimento⁸.

Finalmente, a notícia só se esgota no momento do seu consumo, já que é nesse momento que ela produz efeitos e passa a fazer parte dos referentes da realidade. Esses referentes são a parte da realidade que formam a imagem que os sujeitos constroem da realidade. Por isso, a construção de sentido para uma notícia depende da interação perceptiva, cognoscitiva e até afectiva que os sujeitos com ela estabelecem⁹.

3. Tendência “divisionista” para a explicação das notícias

Há autores que consideram que as explicações que têm sido avançadas para explicar os formatos e conteúdos das notícias são insuficientes para se edificar uma teoria do jornalismo e por vezes são também antagónicas e contraditórias. O mais referenciado defensor lusófono desta tese é, provavelmente, Nelson Traquina (2001; 2002). Para Traquina (2002: 73-129) há a considerar várias “teorias”, que podem ser resumidas da seguinte maneira:

- Teorias do espelho

Com base nesta explicação, as notícias são vistas como o espelho da realidade, conforme a ideologia profissional clássica dos jornalistas.

- Teoria da acção pessoal ou do gatekeeper

Esta explicação nasce da metáfora do gatekeeping aplicada à produção de informação jornalística. De acordo com esta explicação, as notícias resultam da selecção de acontecimentos, com base nas opções particulares de cada jornalista selector.

- Teoria organizacional

A teoria organizacional enfatiza que as notícias são o resultado das condicionantes organizacionais em que são fabricadas, como as hierarquias, as formas de socialização e aculturação dos jornalistas, a rede de captura de acontecimentos que o órgão jornalístico lança sobre o espaço, os recursos humanos e financeiros desse órgão, a respectiva política editorial, etc.

- Teoria da acção política

Segundo Traquina, os defensores desta explicação sustentam que as notícias distorcem a realidade, embora pudessem ser o seu espelho. Há duas versões desta “teoria”. Uma delas afirma que as notícias são dissonantes da realidade porque os jornalistas, sem autonomia, estão sujeitos a um controle ideológico e mesmo conspirativo que leva os media noticiosos a agirem como um instrumento ao serviço da classe dominante e do poder. Por isso, para esses teóricos as notícias dão uma visão direitista, liberal e conservadora do mundo e contribuem para a sustentação do status quo. A outra versão sustenta que os media noticiosos são instrumentos da ideologia dos jornalistas. Estes são vistos como quase totalmente autónomos em relação aos diversos poderes. As notícias seriam enviesadas da realidade porque reflectem as convicções ideológicas e políticas dos jornalistas e as suas ideologias profissionais. Como os jornalistas, para esses pensadores, são maioritariamente da esquerda, as notícias tendem a privilegiar uma visão esquerdista do mundo.

- Teoria estruturalista

De acordo com esta explicação, as notícias são um produto socialmente construído que reproduz a ideologia dominante e legitima o status quo. Isto acontece por

⁸Para sustentação e aprofundamento deste argumento, consulte-se Sousa (2000; 2002).

⁹Para sustentação e aprofundamento deste argumento, consulte-se Sousa (2000; 2002).

que os jornalistas e os órgãos de comunicação social têm uma reduzida margem de autonomia, cultivam uma cultura rotinizada e burocratizada e estão sujeitos ao controle da classe dominante, proprietária dos meios de comunicação, que vincula os media às suas (primeiras) definições dos acontecimentos. As rotinas produtivas são vistas como uma cedência ao domínio dos poderosos. As notícias condensam essa relação estrutural entre os media e os definidores de sentido para os acontecimentos e ajudam a construir uma sociedade consensual e normalizada, em função da ideologia dominante-hegemónica.

- Teoria construcionista

A explicação construcionista para as notícias é mais elaborada do que as anteriores. Para os académicos que perfilham essa explicação, as notícias são histórias que resultam de um processo de construção, linguística, organizacional, social, cultural, pelo que não podem ser vistas como o espelho da realidade, antes são artefactos discursivos não ficcionais – indiciáticos – que fazem parte da realidade e ajudam-na a construir e reconstruir. Assim, o conceito de distorção é visto como inadequado e as atitudes políticas dos jornalistas, observados como relativamente autónomos, embora constrangidos pela linguagem, pelas organizações noticiosas, pelas negociações com as fontes, etc – não são entendidas como um factor determinante no processo jornalístico de produção de informação. As rotinas são vistas como o resultado de um esforço organizacional para assumir uma vantagem estratégica.

“...as diferentes teorias expostas por Traquina não têm fronteiras muito bem definidas (...) Aquilo que as une é mais importante do que aquilo que eventualmente as separa.”

- Teoria interaccionista

De acordo com esta linha explicativa, as notícias resultam de um processo de percepção, selecção e transformação de acontecimentos em notícias, sob a pressão do tempo, por um corpo de profissionais relativamente autónomo e autorizado, que partilha de uma cultura comum. Os jornalistas são vistos não como observadores passivos, mas sim como participantes activos na construção da realidade. As notícias são encaradas como uma construção social, sendo limitadas pela natureza da realidade, mas registando aspectos tangíveis dessa realidade. As notícias registam também os constrangimentos organizacionais, os enquadramentos e narrativas culturais que governam a expressão jornalística, as rotinas que orientam e condicionam a produção de notícias, os valores-notícia e as negociações entre jornalistas e fontes de informação.

Como é visível, as diferentes “teorias” expostas por Traquina não têm fronteiras muito bem definidas. Há entre elas pontos de contacto, explicações comuns. Aquilo que as une é mais importante do que aquilo que eventualmente as separa. Por exemplo, as rotinas são relevadas em várias delas. Usando os mesmos dados de Traquina, é possível tecer uma teia explicativa global para as notícias - é uma questão de sistematizar esses dados. Este é um dos principais argumentos que sustentam as teses “unionistas”.

4. Tendência “unionista” para a explicação das notícias

Em 1988, Michael Schudson escreveu que as teorias unidimensionais não conseguem explicar as notícias.

“As explicações para as notícias serem o

que são só terão interesse se pressupomos que não é óbvio as notícias serem o que são. Se estivermos convencidos de que as notícias apenas espelham o mundo exterior ou que simplesmente imprimem os pontos de vista da classe dominante, nesse caso não é necessário mais nenhuma explicação.” (Schudson, 1988:17)

Por isso, para compreender as notícias, segundo Schudson (1988), há que conciliar várias explicações. Isoladas, essas explicações são insuficientes para explicar as notícias que temos e por que elas são como são, mas em conjunto revelam todo o seu poder explicativo:

a) Acção pessoal – As notícias são um produto das pessoas e das suas intenções.

b) Acção social – As notícias são um produto das organizações noticiosas, da sua forma de se adaptarem ao meio e dos seus constrangimentos, independentemente das intenções pessoais dos intervenientes no processo jornalístico de produção de informação.

c) Acção cultural – As notícias são um produto da cultura e dos limites do concebível que uma cultura impõe, independentemente das intenções pessoais e dos constrangimentos organizacionais.

Ao reconhecer as insuficiências das explicações unidimensionais e ao cruzar essas explicações para explicar por que é que as notícias são como são, Michael Schudson dá pistas para se alicerçar uma teoria unificada do jornalismo, no que diz respeito ao processo de produção de informação.

Por seu turno, ao estudar o processo de gatekeeping no jornalismo, Pamela Shoemaker

“...para compreender as notícias (...) há que conciliar várias explicações. Isoladas, essas explicações são insuficientes para explicar as notícias que temos e por que elas são como são, mas em conjunto revelam todo o seu poder explicativo.”

maker (1991), baseada nos resultados de pesquisas anteriores, deu conta da existência de diversos factores que influenciavam esse processo. Esses factores foram agregados pela autora em quatro níveis de influência:

a) A um nível individual, o processo de gatekeeping é influenciado por modelos de pensamento, pela heurística cognitiva, por valores e características pessoais, pela concepção que os intervenientes no processo têm do seu papel social, etc.

b) Entre o nível individual e um terceiro nível, o processo é influenciado pelas rotinas produtivas:

c) A um nível organizacional, o processo de selecção e produção de informação é constrangido pelas características organizacionais (recursos, hierarquias, etc.), pelos processos organizacionais de socialização dos jornalistas e pelas dinâmicas próprias que a organização noticiosa estabelece com o meio:

d) A um nível social, institucional, extra-organizacional, o processo de gatekeeping é influenciado pelas fontes de informação, pelas audiências, pelos mercados, pelas entidades publicitárias, pelos poderes políticos, judiciais, etc, pelos lóbis, pelos serviços de relações públicas, por outros meios jornalísticos, etc.

Resumindo, ao explicar o processo de gatekeeping, Pamela Shoemaker montou as bases para a edificação de uma teoria unificada capaz de explicar o processo jornalístico de produção de informação, com base na interacção de diferentes forças. Mais tarde, Pamela Shoemaker e Stephen

Reese (1991; 1996) voltaram a essa temática, tendo complementado e aprofundado a explicação inicial de Shoemaker. Do trabalho de 1996, publicado sob a forma de livro (*Mediating the Message - Theories of Influences on Mass Media Content*), resultou a construção de uma teoria unificada dos conteúdos noticiosos, ligada, ademais, aos efeitos desses conteúdos. Tal como no livro *Gatekeeping* (1991), de Shoemaker, os autores de *Mediating the Message* estruturam a sua teoria da notícia em vários níveis de influência: a) influências dos trabalhadores dos media; b) influências das rotinas produtivas; c) influências organizacionais; d) influências do meio externo às organizações noticiosas; e) Influências ideológicas.

Conforme é notório, em relação ao trabalho de Shoemaker de 1991, os autores reconhecem a importância da ideologia como um factor capaz de influenciar o conteúdo das notícias. Agregando as ideias de Shoemaker e Reese às de Schudson, e tendo em conta as perspectivas “divisionistas” de Traquina (2001, 2002), é possível perceber que numa coisa os estudiosos do jornalismo estão de acordo: os resultados das pesquisas colocam em evidência que factores de natureza pessoal, social (organizacional e extra-organizacional), ideológica e cultural enformam e constroem as notícias. Uma teoria unificada do jornalismo tem de partir desse património comum de conhecimento científico sobre o jornalismo.

5. Circulação, consumo e efeitos das notícias

Uma teoria unificada do jornalismo e da notícia fica incompleta se não lhe for agregada a componente dos efeitos das notícias. Shoemaker e Reese (1991; 1996: 258-260), por exemplo, chamam a atenção

“Quanto mais uma sociedade está sujeita à instabilidade ou à mudança, mais as pessoas, os grupos e as organizações dependem da comunicação social para compreenderem o que acontece...”

para a necessidade de se interligarem os efeitos das notícias e as influências sobre os conteúdos noticiosos numa teoria unificada da notícia (ou do jornalismo). Os autores argumentam que é necessário conhecer os conteúdos das notícias para se perceberem os respectivos efeitos; e que só se percebem os efeitos quando se conhecem os conteúdos. Por outras palavras, pode-se dizer que a notícia apenas se esgota na sua fase de consumo, que é, precisamente, a fase em que produz efeitos. Além disso, Shoemaker e Reese (1991, 1996: 260) realçam que os efeitos das notícias sobre a sociedade, as instituições e os poderes podem, por sua vez, repercutir-se retroactivamente sobre os meios jornalísticos e, portanto, sobre as notícias e os seus conteúdos.

A concepção dos efeitos das notícias deve partir da teoria da dependência, proposta por Ball-Rokeach e DeFleur (1976). Para estes autores, os meios de comunicação, nos quais se incluem os meios jornalísticos, são a principal fonte de informação que a sociedade tem sobre si mesma. São também os meios de comunicação os agentes mais relevantes para pôr em contacto os múltiplos subsistemas sociais. Assim, as pessoas, os grupos, as organizações e a sociedade em geral dependem dos meios de comunicação para se manterem informados e para receberem orientações relevantes para a vida quotidiana. Quanto mais uma sociedade está sujeita à instabilidade ou à mudança, mais as pessoas, os grupos e as organizações dependem da comunicação social para compreenderem o que acontece, receberem orientações e saberem como agir.

O modelo da dependência desenvolvido por Ball-Rokeach e DeFleur (1982; 1993) tem também a vantagem de sistematizar

muito pertinentemente os efeitos da comunicação social e, portanto, das notícias. Esses efeitos circunscrevem-se a três categorias: efeitos cognitivos (teorias do agenda-setting, da tematização, da construção social da realidade, do cultivo, da socialização pelos media, do distanciamento social, da espiral do silêncio, etc.) efeitos afectivos (teoria dos usos e gratificações, etc.) e efeitos comportamentais (consequência dos outros dois tipos de efeitos). A grande vantagem desta sistematização é facultar a integração de diversas “teorias” dos efeitos nessas três grandes macro-categorias, principalmente quando se pensa nos efeitos pessoais das notícias.

Efeitos cognitivos

As notícias produzem efeitos cognitivos pois moldam as percepções que se têm da realidade (“teorias” da construção social da realidade), podendo mesmo levar as pessoas a tomarem atitudes e formarem cognições mais baseadas nos conteúdos das notícias do que na própria realidade (“teoria” do cultivo); contribuem para a formação de atitudes e para a socialização e a aculturação (“teorias” da socialização pelos media); reforçam ou colocam em questão determinadas crenças; cultivam valores e propõem a adesão ou a rejeição de novos valores (teoria do cultivo); geram o agendamento público de temáticas relevantes para a vida das pessoas (“teorias” do agenda-setting e da tematização); concorrem para a aquisição de conhecimentos e para o aumento ou diminuição da distância que separa as pessoas em termos de conhecimento (“teoria” do distanciamento social); levam a que por vezes as pessoas pensem que pertencem a grupos maioritários por verem constantemente as suas ideias e modos de vida reflectidos

nos media, ou, pelo contrário, levam as pessoas a pensarem que estão isoladas ou pertencem a grupos minoritários por não verem as suas ideias e modos de vida reflectidos nos media, tendendo a silenciarem-se (“teoria” da espiral do silêncio), etc.¹⁰.

Efeitos afectivos

As notícias provocam emoções e sentimentos. Mesmo dirigidas à razão, colateralmente atingem a emoção. Esta é uma das explicações para o facto de as pessoas, por vezes, consumirem activamente informação jornalística de maneira a sentirem-se gratificadas (“teoria” dos usos e gratificações). As notícias também podem contribuir para a atenuação ou intensificação dos afectos, por exemplo, através da exposição prolongada a mensagens violentas, no primeiro caso, ou através de mensagens afectivas, no segundo caso; podem concorrer para o desenvolvimento de sentimentos de medo e insegurança e até de ansiedade e pânico; e ainda podem ter efeitos ao nível da moral e da alienação, pelo fomento da integração ou, pelo contrário, da desagregação de grupos, organizações e dos membros de uma sociedade em geral.

Efeitos comportamentais

As notícias podem ter efeitos sobre a conduta das pessoas, activando ou desactivando comportamentos. Os efeitos comportamentais são a consequência dos efeitos cognitivos e afectivos.

É necessário ter-se em consideração que quando se fala de efeitos das notícias se fala de efeitos possíveis ou mesmo prováveis a larga escala. No entanto, convém não ignorar que, em última análise, os efeitos de uma notícia são relativos, pois dependem de cada consumidor da mesma

¹⁰Para uma abordagem mais exaustiva destas teorias, consulte-se Sousa (2003) ou Sousa (2000).

em particular¹¹.

6. A Teoria Multifactorial da Notícia (enquanto Teoria do Jornalismo)

Recordando o atrás sustentado, uma teoria do jornalismo deve partir da observação de que há notícias jornalísticas¹² e de que estas têm efeitos. Em resultado desta evidência, uma teoria do jornalismo deve centrar-se no produto jornalístico - a notícia jornalística, explicando como surge, como se difunde e quais os efeitos que gera. Em suma, a teoria do jornalismo deve consubstancializar-se como uma teoria da notícia e responder a duas questões: a) Por que é que as notícias são como são e por que é que temos as notícias que temos (circulação)? b) Quais os efeitos que as notícias geram?

Uma teoria da notícia, à semelhança de outras teorias científicas, deve ser enunciada de maneira breve e clara, deve ser universal, deve ser traduzível matematicamente e deve ainda ser predictiva. Deve atentar no que une e é constante e não no que é acidental. Isto significa que o enunciado da teoria deve ser contido, explícito e aplicável a toda e qualquer notícia que se tenha feito ou venha a fazer.

Os resultados das pesquisas realizadas no campo dos estudos jornalísticos permitem perceber que (1) a notícia jornalística é o produto da interacção histórica e presente (sincrética) de forças pessoais, sociais (organizacionais e extra-organizacionais), ideológicas, culturais, históricas e do meio físico e dos dispositivos tecnológicos que intervêm na sua produção e através dos quais são difundidas; e (2) que as notícias têm efeitos cognitivos, afectivos e comportamentais sobre as pessoas e, através delas, sobre as sociedades, as ideologias, as culturas e as civiliza-

ções.

Matematicamente, a teoria pode traduzir-se por três equações multifactoriais interligadas num sistema, daí que a teoria aqui expressa possa denominar-se Teoria Multifactorial da Notícia. A matematização permite identificar, delimitar, agrupar, sistematizar e sintetizar quer (1) os macrovectores estruturantes das notícias, ou seja, as forças em que se integram todos os microfactors que geram e conformam as notícias, quer (2) os macrovectores estruturantes dos efeitos das notícias, ou seja, os macro-efeitos onde se podem integrar todas as modificações observáveis que as notícias provocam ou podem provocar nas pessoas e através destas nas sociedades e nas civilizações.

A matematização não escamoteia a complexidade dos factores que impulsionam e direccionam a construção das notícias nem a complexidade dos efeitos das mesmas. A matematização permite apenas explicitar os macrovectores estruturantes da construção das notícias e dos seus efeitos. A linearidade das equações ajuda a clarificar o processo. Porém, como mostram as equações, os processos equacionados são complexos, pois a notícia e os seus efeitos aparecem como um produto de múltiplos factores, que interferem nesses processos de forma variável.

A Teoria Multifactorial da Notícia pode, então, ser traduzida com as seguintes três equações:

6.1 Primeira equação (1)

A primeira equação do sistema mostra que a notícia (N) é uma função (f) do produto (ou interacção) de várias forças, segundo os resultados das pesquisas que têm vindo a ser produzidas sobre o campo jornalístico (Sousa, 2000; Sousa, 2003; Traquina, 2003; Shoemaker e Reese,

¹¹Para uma mais completa argumentação, consultar Sousa (2000) ou Sousa (2003).

¹²Ou seja, há notícias produzidas pelo sistema jornalístico a partir de referentes reais.

- 1) $N = f(\alpha_1 \cdot Fp \times \beta_1 \cdot R \times \chi_1 \cdot Fso \times \delta_1 \cdot Fseo \times \varepsilon_1 \cdot Fi \times \phi_1 \cdot Fc \times \varphi_1 \cdot Fh \times \gamma_1 \cdot Fmf \times \eta_1 \cdot Fdt)$
 2) $Ep_{FACIC2} = g(\alpha_2 \cdot Nf \times \beta_2 \cdot Nc \times \chi_2 \cdot P \times \delta_2 \cdot Cm \times \varepsilon_2 \cdot Cf \times \phi_2 \cdot Cs \times \varphi_2 \cdot Ci \times \gamma_2 \cdot Cc \times \eta_2 \cdot Ch)$
 3) $Esic_N = h(\alpha_3 \cdot Nf \times \beta_3 \cdot Nc \times \chi_3 \cdot (P_1 \times P_2 \times \dots \times P_n) \times \delta_3 \cdot Cm \times \varepsilon_3 \cdot Cf \times \phi_3 \cdot Cs \times \varphi_3 \cdot Ci \times \gamma_3 \cdot Cc \times \eta_3 \cdot Ch)$

1991, 1996), a saber:

- Força pessoal (**Fp**) – As notícias resultam parcialmente das pessoas e das suas intenções, da capacidade pessoal dos seus autores e dos actores que nela e sobre ela intervêm.

- Rotinas (**R**) – As notícias resultam parcialmente das rotinas dos seus autores, normalmente consubstanciadas em práticas profissionais e organizacionais.

- Força social – As notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social (força social extra-organizacional - **Fseo**) e do meio organizacional em que foram construídas e fabricadas (força sócio-organizacional - **Fso**).

- Força ideológica (**Fi**) – As notícias são originadas por conjuntos de ideias que moldam processos sociais, proporcionam referentes comuns e dão coesão aos grupos, normalmente em função de interesses, mesmo quando esses interesses não são conscientes e assumidos.

- Força cultural (**Fc**) – As notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condiciona quer as perspectivas que se têm do mundo quer a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência).

- Força do meio físico (**Fmf**) – As notícias dependem do meio físico em que são fabricadas.

- Força dos dispositivos tecnológicos (**Fdt**) – As notícias dependem dos dispositivos tecnológicos usados no seu processo de fabrico e difusão.

- Força histórica (**Fh**) – As notícias são um produto da história, durante a qual

agiram as restantes forças que enformam as notícias que existem no presente. A história proporciona os formatos, as maneiras de narrar e descrever, os meios de produção e difusão, etc.; o presente fornece o referente que sustenta o conteúdo e as circunstâncias actuais de produção. Ao ser simultaneamente histórica e presente, a notícia é sincrética.

Há ainda a considerar que as diferentes forças que se fazem sentir sobre as notícias não têm sempre o mesmo grau de influência na construção das mesmas. Daí que subsista a necessidade se introduzirem variáveis que dêem conta dessa variabilidade do grau de influência dos factores. Assim, todos os factores da primeira equação do sistema são antecidos por uma variável (α , a η).

6.2 Segunda (2) e terceira (3) equações

A segunda equação do sistema evidencia que, a nível pessoal (**Ep**), os efeitos fisiológicos (**F**), afectivos (**A**), cognitivos (**CI**) e comportamentais (**C2**) de uma notícia (**N**)¹³ são uma função (**g**) do produto (ou interacção) das seguintes variáveis:

- Notícia – Os efeitos de uma notícia dependem da própria notícia. Atendendo a que cada notícia tem um formato e um conteúdo, influenciando ambos o processo de percepção, recepção e integração da mensagem, então a variável notícia deve segmentar-se em duas variáveis, o formato da notícia (**Nf**) e o conteúdo da notícia (**Nc**).

- Pessoa (**P**) – Os efeitos de uma notícia

¹³Usa-se, conforme atrás enunciado, a sistematização dos efeitos da comunicação proposta por Ball-Rokeach e DeFleur (1982; 1993).

dependem da pessoa que a consome, da capacidade perceptiva dos seus sentidos, da sua estrutura mental, da sua personalidade, da sua experiência, da sua mundivivência, da sua mundividência, etc.

- Circunstâncias (*C*) – Os efeitos da notícia dependem das circunstâncias (*C*) da pessoa que a recebe. As circunstâncias que rodeiam a pessoa respeitam ao meio em que a notícia é difundida (*Cm*), às condições físicas da recepção (*Cf*), à sociedade (*Cs*), à ideologia (*Ci*), à cultura (*Cc*) e à própria história (*Ch*)¹⁴.

As notícias nem sempre provocam efeitos cognitivos, afectivos e comportamentais de idêntica grandeza. Por isso, também na segunda equação é necessário introduzirem-se variáveis, desta feita para darem conta da dimensão de cada efeito. Em consequência, os factores expressos na segunda equação são antecidos por uma variável ($\alpha_2, a \eta_2$), a exemplo do que sucede na primeira equação, para dar conta do peso de cada efeito.

A terceira equação dá conta dos efeitos sociais, ideológicos e culturais (*Esic*) de uma notícia (*N*), evidenciando que estes variam, genericamente, em função do produto dos mesmos factores já expressos na segunda equação, com diferentes pesos. Também na terceira equação se tem de considerar que o peso de cada factor na função pode não ser idêntico, pelo que se têm de introduzir variáveis ($\alpha_3, a \eta_3$), mas com a diferença de que se tem de introduzir a ideia da interacção entre as pessoas ($P_1 \times P_2 \times \dots \times P_n$) para representar mecanismos como os da conversação, capazes de contribuir para a mediação dos efeitos sociais, ideológicos e culturais das notícias (ver, por exemplo: Sousa, 2003).

Os efeitos sociais, ideológicos e culturais das notícias são, genericamente, aqueles que são apresentados por diferentes escolas de pensamento comunicacional e várias teorias da comunicação. Por exemplo, as escolas críticas, como a Escola de Frankfurt, mostram que as notícias orientam ideologicamente a sociedade no sentido da manutenção do statu quo, embora em grande medida essa orientação seja co-determinada pela cultura e modos de vida (estudos culturais, Escola de Birmingham)¹⁵. Ainda a título de exemplo, estudos no âmbito do agendamento (agenda-setting) mostram que na sociedade se estabelecem agendas de assuntos sobre os quais as pessoas falam, co-determinando o que social e culturalmente é considerado como importante. Outro exemplo susceptível de evidenciar que as notícias têm efeitos sociais e culturais ao nível de povos e países inteiros poderia ser tirado da teoria do distanciamento social, que enfatiza quanto o poder depende do conhecimento e quanto este depende do acesso à informação e da capacidade funcional de aproveitamento dessa mesma informação¹⁶.

7. Testando o modelo

Atendendo a que os efeitos pessoais, sociais, ideológicos e culturais da comunicação jornalística e as circunstâncias de que dependem a ocorrência e a intensidade desses efeitos são explicitados pelas teorias dos efeitos da comunicação, o modelo de efeitos expresso na segunda e na terceira equação remete para toda a produção teórica que tem sido produzida e que se encontra nas vastas obras sobre teoria da comunicação (por exemplo: Sousa 2000, 2002, 2003). Assim, a segunda e a terceira equação apenas visam clarificar e sistematizar as variáveis intervenientes nesse

¹⁴Várias pesquisas sustentam esta ideia. Veja-se, por exemplo: Sousa (2000) ou Sousa (2003).

¹⁵Para melhor explicitação, consultar: Sousa (2000) ou Sousa (2003).

¹⁶Para melhor explicitação, consultar: Sousa (2000) ou Sousa (2003).

processo, dando conta da forma como interagem. Por exemplo, como vimos, a teoria do agendamento mostra que a inscrição e manutenção de determinados assuntos na agenda pública (efeito social) depende de factores como (1) a cognição que cada pessoa tem das notícias (efeito pessoal); (2) a conversação e demais interacções entre as pessoas através da comunicação interpessoal, tendo a notícia por referente; (3) os meios que transmitem a notícia (por exemplo, a capacidade de agendamento da televisão e da imprensa é superior à dos restantes meios); e (4) o entendimento cultural e ideológico do que é considerado importante (do que é considerado notícia) num determinado momento histórico.

Ao contrário das restantes equações, a primeira equação representa uma nova e mais completa forma de sistematizar os factores que afectam a produção noticiosa. Ela é o coração da Teoria Multifactorial da Notícia que aqui se propõe. Portanto, torna-se necessário testá-la, aplicando a várias notícias a análise de factores que subjaz às equações, com o objectivo de verificar se as notícias dependem efectivamente da conjugação de factores pessoais, sociais, rotineiros, culturais, ideológicos, históricos, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos.

Como vimos, a primeira equação traduz matematicamente a ideia de que é possível unificar as explicações para as notícias serem aquilo que são num enunciado teórico claro e predictivo que parte da evidência resultante dos estudos jornalísticos. As notícias, podendo indiciar a realidade que referem, também indiciam as suas circunstâncias de produção, reveladas nas numerosas pesquisas que constituem o corpo da teoria do jornalismo. Esse mecanismo torna possível iden-

tificar nas notícias os resultados das forças que sobre elas se fazem sentir, impulsionando, direccionando e constringendo a sua produção. Vejamos, em alguns exemplos, como é possível identificar essas forças. No primeiro caso temos uma notícia de 1864 (extraída do primeiro número do Diário de Notícias) e no segundo caso uma notícia recente.

Notícia 1

Suas Magestades e Altezas passam sem novidade em suas importantes saúdes.

Notícia 2

O Presidente da República vai ser submetido a uma cirurgia cardiovascular no próximo mês de Junho, anunciou a Presidência da República.

O Presidente vai colocar um by-pass coronário, aparelho que possibilita a circulação do sangue quando os vasos sanguíneos estão semi-obstruídos.

Segundo a Presidência da República, trata-se de uma operação delicada mas comum, que obrigará o Presidente a três semanas de internamento.

A cirurgia será feita no Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa, pela equipa do professor José Luís Santos, que nos últimos cinco anos operou mais de 750 doentes, com uma taxa de sucesso de 99 por cento¹⁷.

O que ambas as notícias nos revelam sobre si mesmas e sobre as circunstâncias e o contexto em que foram produzidas? Para responder a esta questão, vamos analisar, com base nos itens que considerarmos mais relevantes, as forças que elas indiciam, partindo de um cenário macroscópico. Não poderemos falar de todos os itens de que gostaríamos, por motivos que se prendem com a ausência de espaço e com o desconhecimento de al-

¹⁷Notícia verídica com alguns nomes e circunstâncias alterados para protecção dos visados.

¹⁸Pouca era a informação circulante em Portugal.

¹⁹A imprensa noticiosa contemporânea tem raízes directas na primeira geração da imprensa popular que desponta nos Estados Unidos nos anos vinte e trinta do século XIX e na imprensa de negócios que floresce a partir do século XVIII. Essa primeira vaga de jornalismo predominantemente noticioso (penny press) vai-se impor ao jornalismo predominantemente opinativo (party press) até ao final do século XIX, por força de factores como o aumento da informação circulante devido à generalização do telégrafo e à melhoria dos transportes e das vias de comunicação. Em Portugal, a fundação do Diário de Notícias, no fim de 1864, assinala precisamente essa viragem noticiosa do jornalismo.

²⁰Molotch e Lester (1974) apresentaram o conceito de promotores de notícias para definir os indivíduos que procuram elevar determinados acontecimentos à categoria de notícias. Na segunda notícia, a assessora de comunicação da Presidência funciona como promotora. Molotch e Lester (1974) baseiam-se nas figuras dos promotores para definir vários tipos de acontecimentos. Porém, no caso presente a definição de acontecimentos dos autores não é aplicável, pois a primeira notícia não teve um promotor a não ser o próprio órgão de comunicação social e a segunda, embora tenha um promotor, é um acontecimento de rotina construído sobre um acidente, correspondendo, de certa forma, à rotinização do inesperado de que falava Tuchman (1978).

²¹Goffman (1975) foi o primeiro a teorizar sobre a noção de “enquadramento” ou frame. Um “enquadramento” corresponde às formas de organizar a vida para dar sentido ao mundo social e para lhe dar respostas adequadas.

²²Antepassados remotos dos jornais, as *Actae Diurnae*, instituídas por Júlio César, serviram inicialmente para dar conta dos debates no Senado de Roma e transformaram-se depois numa espécie de jornal administrativo difundido por todo o Império Romano, com notícias das vitórias das legiões, dos abastecimentos de cereais, da Corte Imperial, etc.

gumas das circunstâncias que impulsionaram, direccionaram e constrangeram o fabrico das notícias em causa, mas estamos certos de que o teste a que iremos proceder é suficiente para mostrar como a teoria unificada da notícia proposta por Sousa (2000; 2002) é pertinente.

- Forças cultural e histórica

- A primeira notícia é uma notícia de um não-acontecimento. Justifica-se porque foi publicada num contexto de pobreza informativa¹⁸ que obrigava a imprensa noticiosa nascente¹⁹ a aproveitar tudo o que se parecesse com uma novidade interessante para encher o espaço editorial. A segunda notícia é uma notícia de um verdadeiro acontecimento (a doença do Presidente da República obriga a uma intervenção cirúrgica) metamorfoseado num acontecimento de rotina (a assessora de comunicação da Presidência encarrega-se de promover o acontecimento à categoria de notícia²⁰ e os órgãos de comunicação social aproveitam-na não só devido ao seu interesse noticioso mas também porque, rotineiramente, publicam as informações oriundas dos principais órgãos do Estado).

- As notícias referem-se ao estado de saúde dos máximos representantes do país. Os factos a que elas se referem apenas se tornaram notícias porque determinados enquadramentos (ou frames) culturais²¹ os permitem ver como factos notáveis e dignos de se tornarem notícias. Explica Schudson (1988:20) que numa determinada sociedade só existe um número limitado de notícias, porque só determinados factos é que se inserem dentro dos limites do que é concebível como notícia. Por isso, “As novidades são com-

primidas em velhos ficheiros” (Schudson, 1988:24). O estado de saúde dos governantes de Portugal é um desses velhos ficheiros sempre recuperáveis, porque corresponde à forma da sociedade portuguesa ver o mundo e também porque, no contexto social e político português, é relevante que os cidadãos conheçam o estado de saúde de quem os governa.

Os enquadramentos, complementados com constrangimentos de outra ordem, como a política editorial das empresas jornalísticas, estão na base dos critérios de noticiabilidade, ou seja, dos critérios susceptíveis de transformar acontecimentos em notícias. Neste caso, a referência a figuras de elite funciona como um critério de noticiabilidade em ambas as notícias. Trata-se de um critério de noticiabilidade perene, um critério que já promovia factos a notícias nos tempos das *Actae Diurnae*²² e que provavelmente continuará a regular a transformação de acontecimentos em notícias enquanto a sociedade mantiver uma estrutura sócio-política que impõe a existência de líderes e liderados.

A referência a personalidades de elite não é o único critério de noticiabilidade que impulsionou a publicação das notícias. Baseando-nos na lista de critérios de noticiabilidade pela primeira vez proposta por Galtung e Ruge (1965), é possível identificar outros critérios que permitiram aos jornalistas e responsáveis editoriais enquadrar os factos relatados na categoria de notícias, como sejam o momento (ambas as notícias eram actuais quando foram difundidas), a proximidade (ambas as notícias dizem respeito a temas que interessam sobretudo aos portugueses), a personalização (ambas as notícias dizem respeito a pessoas), a negatividade

(apenas na segunda notícia) e ainda a inexistência de dúvidas sobre os factos que relatam.

- Ambas as notícias só puderam ser publicamente difundidas porque Portugal goza e gozava de liberdade de imprensa, princípio caro às democracias liberais e que baseia o Modelo Ocidental de jornalismo (McQuail, 1991; Hachten, 1996), sendo também um valor agregador dos jornalistas. As notícias acima seriam impensáveis em países como a Coreia do Norte ou mesmo a China, já que o secretismo isola do escrutínio público os dirigentes máximos desses países, em alguns casos quase sacralizados (como acontece na Coreia do Norte).

- Em ambas as notícias o relato é predominantemente factual, evidenciando que o culto dos factos não é novo no jornalismo (Traquina, 1993: 23) e em ambas o núcleo duro da informação surge no parágrafo inicial (lead). Aliás, a primeira notícia resume-se ao lead, embora a segunda esteja redigida com base na técnica da pirâmide invertida. Esta forma de organização do discurso não é nova. O jornalismo reinventou-a a partir de meados do século XIX²³ –segundo Philips (1976), os jornalistas escrevem em “jornalês”– e as agências noticiosas e os jornais aproveitaram-na e generalizaram-na, mas, na realidade, contam-se uma novidade começando pelo facto mais importante e prosseguindo hierárquica e sistematicamente até ao menos importante não é uma maneira nova de narrar. Pelo contrário, já se encontram exemplos nos textos clássicos gregos e romanos (Casasús e Ladevéze, 1991). As notícias são, assim, histórias narradas à luz da cultura da sociedade em que são

produzidas (Schudson, 1988) e da cultura profissional (Traquina, 2001; 2002).

- Também a organização interna do discurso não é nova. As notícias respondem a “quem?”, “o quê?”, “como?”, “quando?” e “onde?”, embora na primeira notícia as respostas a “quando?” e “onde?” sejam implícitas (onde?, em Portugal; quando?, neste momento). A segunda notícia responde ainda a “porquê?”. Não foi o jornalismo que deu ao mundo esta forma de relatar novidades. Foram os antigos gregos, senão mesmo antepassados mais remotos. Na verdade, a retórica clássica manda que no relato de novidades se indiquem o sujeito, o objecto, a causa, a maneira, o lugar e o tempo. O que é esta regra senão a regra de ouro da notícia, que manda o jornalista não se esquecer de responder às seis questões fundamentais: “quem?”, “o quê?”, “quando?”, “onde?”, “como?” e “porquê?”? O formato noticioso, como muito bem salienta Schudson (1982), impõe a forma das declarações: “o poder dos media não está só (nem principalmente) no seu poder de declarar as coisas como sendo verdadeiras, mas no seu poder de fornecer as formas sob as quais as declarações aparecem”.

- Força ideológica

- Ambas as notícias encerram uma intenção de verdade. Procuram não mentir nem ficcionar sobre a realidade. Esta intenção discursiva não ficcional é um dos reflexos da ideologia da objectividade, cultivada pelos jornalistas para se relegitimarem continuamente no seio do sistema demo-liberal (Sousa, 1997) e revela-se em procedimentos rituais de objectividade (Tuchman, 1972) visíveis nas notícias, em

²³Sobretudo a partir da Guerra Civil Americana (Álvarez, 1992).

particular na segunda notícia: a facticidade; as citações entre aspas; o endosso da responsabilidade pelas afirmações às fontes que as enunciaram, etc.

- Ao darem atenção aos líderes políticos do país e ao concederem-lhes rotineiramente espaço, as notícias não só indiciam a organização sócio-política da sociedade portuguesa como também contribuem para relegitimar essa estrutura (Sousa, 1997; 2000; 2002). Esta é uma acção ideológica, mesmo que não intencional.

- Força social

- Ambas as notícias centram-se em acontecimentos actuais, superficiais, aparentemente delimitados no espaço e no tempo (no primeiro caso centra-se até num “não-acontecimento”) e não em problemáticas dissimuladas na avassaladora paisagem dos factos e muito menos em problemáticas antigas. A centralização nos acontecimentos, nos factos, e não nas problemáticas serve como uma luva ao jornalismo. Como escreve Traquina (1988: 37), “os acontecimentos são concretos, delimitados no tempo e mais facilmente observáveis”. E Tuchman (1978) explica que essa centralização nos acontecimentos permite transformá-los rapidamente em notícias, pois torna-se fácil a resposta às questões que fazem o lead noticioso. Por seu turno, a centralização na actualidade permite às organizações noticiosas gerirem melhor os seus recursos e dá resposta aos interesses da audiência (ou seja, do mercado), que quer, principalmente, saber “o que há de novo?”. Daí que o jornalista seja um escravo do tempo, regule a sua acção pelas deadlines e pelo ponteiro do relógio, tendo aquilo que poderíamos traduzir por uma “cronomentalidade”, aprovei- tan-

“Daí que o jornalista seja um escravo do tempo, regule a sua acção pelas *deadlines* e pelo ponteiro do relógio, tendo aquilo que poderíamos traduzir por uma cronomentalidade...”

do a noção de Schlesinger (1977).

- Ambas as notícias são factuais. Não há comentários, apesar da breve adjectivação interpretativa patente na primeira notícia. É uma opção que reflecte a política editorial das organizações noticiosas no seio das quais ambas as notícias foram produzidas, um dos constrangimentos organizacionais mais relevados nos estudos jornalísticos (ver, por exemplo: Sousa, 2000; 2002).

- Ambas as notícias denunciam rotinas segundo as quais os chefes de Estado portugueses são dignos de serem notícia. Ambas as notícias denotam ainda procedimentos rotineiros (a técnica da pirâmide invertida e os procedimentos rotineiros de objectivização do discurso, particularmente notórios na segunda notícia, são um bom exemplo). As rotinas são, conforme explicou Tuchman (1978), uma forma de dar às organizações noticiosas e aos jornalistas vantagens tácticas e estratégicas quer no que respeita à necessidade de preencherem com informação um espaço e um tempo vazios quer no que respeita à necessidade de se defenderem de críticas. Assim, é num contexto organizacional que as rotinas mais ganham expressão, como dissemos. A técnica da pirâmide invertida e os procedimentos de objectivização do discurso são exemplos de rotinas enunciativas que possibilitam aos jornalistas e às organizações noticiosas vencerem o tempo e transformarem rapidamente acontecimentos em notícias publicáveis e dificilmente sujeitas a críticas.

- Devido às particulares necessidades do fabrico de informação jornalística, o jornalismo é permeável à acção de fontes

de informação regulares, autorizadas, poderosas e credíveis, que beneficiam de um acesso rotineiro aos meios jornalísticos. São muitos os estudos jornalísticos que demonstram essa situação (ver, por exemplo: Sousa, 2000; 2002; Shoemaker e Reese, 1996). A segunda notícia, baseada, muito provavelmente, (quase?) toda ela nas informações fornecidas pela Presidência da República, é um sintoma da situação atrás descrita.

- A rede de captura de acontecimentos (a news net, segundo Tuchman, 1978) das organizações noticiosas funcionou para a recolha de ambas as notícias. Hipoteticamente a primeira notícia é o resultado da iniciativa dos jornalistas (provém de um canal de iniciativa, na formulação de Sigal, 1973); a segunda notícia revela o acesso socialmente estratificado e rotineiro aos órgãos jornalísticos (é oriunda de um canal de rotina, de acordo com Sigal, 1973). Mas ambas as notícias revelam que as organizações noticiosas mobilizaram recursos para estarem atentas àquilo que se passava nas instâncias supremas do poder político português.

- Os problemas no acesso às fontes (Sousa, 2003: 78) fazem com que as organizações noticiosas se direccionem para as fontes institucionais em detrimento das individuais, pois só entidades burocratizadas têm capacidade para manter o fluxo rotineiro de informação verídica, credível e autorizada de que as organizações noticiosas necessitam. No caso em análise, ambas as notícias provêm da chefia do Estado.

- Não se notam directamente, mas advinham-se em ambas as notícias condicio-

nantes sociais relacionadas com o mercado e a audiência. O mercado da imprensa de meados do século XIX ansiava por publicações que oferecessem essencialmente notícias, devido à omnipresença das publicações que traziam essencialmente artigos políticos. O Diário de Notícias foi a resposta de um empresariado arguto e empreendedor a essa necessidade, o que por sua vez se reflectiu na política editorial e, portanto, nas notícias publicadas. Na segunda notícia revela-se a manutenção do interesse da audiência por factos – as notícias factuais continuam a constituir a base da informação.

- Força pessoal

- Não há análise ou comentário em qualquer uma das notícias. Na segunda notícia há um esforço para explicar a cirurgia e o que se passa com o Presidente da República, mas não temos dados para dizer se a informação foi procurada pelo jornalista ou é oriunda dos serviços da Presidência da República, o que é mais provável. Em ambas as notícias o papel do jornalista²⁴ é essencialmente o de mero organizador e transmissor da informação. Esta opção, embora possa ser o resultado dos condicionalismos derivados da política editorial da organização noticiosa, também pode indiciar a auto-imagem que o jornalista tem do seu papel, que é um exemplo de um condicionalismo pessoal sobre as notícias.

- Os redactores recorreram, em ambas as notícias, às rotinas cognitivas que os ajudam a compreender o mundo e a organizar coerentemente os dados caóticos que esse mesmo mundo lhes envia constantemente (Stocking e Gross, 1989). A atenção dada aos chefes de Estado não é

²⁴Em 1864 ainda não existiam jornalistas propriamente ditos, em especial em Portugal, embora a profissionalização estivesse a avançar a passos largos nos Estados Unidos devido à acção dos repórteres que cobriram a Guerra da Secessão (ou Guerra Civil).

apenas cultural. É também o resultado da actividade cognitiva dos jornalistas, actividade esta que lhes permite compreender o mundo: um mundo onde há líderes e liderados, onde há estados chefiados por alguém. A forma das notícias também não é apenas cultural, nem fruto das políticas editoriais das empresas. Quem redigiu a primeira notícia aqui inserida pensava, certamente, que redigir notícias era proceder como o fez. Ou seja, mobilizou a sua mente, como sempre o fez, de maneira a dar sentido ao mundo das notícias (rotina cognitiva). Por seu lado, a recorrência à técnica da pirâmide invertida, na segunda notícia, é uma manifestação de um saber de narração (Ericson, Baranek e Chan, 1987) que para cada jornalista e para a “tribo” jornalística (Traquina, 2002) funciona como uma manifestação de competência profissional. Cada jornalista, sempre que redige uma notícia com base nessa técnica, dá sentido pessoal a um acto profissional e revalida, aos seus próprios olhos, o seu lugar no mundo.

- Sempre que enuncia alguma coisa, cada pessoa mobiliza palavras que fazem parte do seu inventário discursivo. Do seu e não do de outra pessoa qualquer. Cada pessoa escreve e fala de maneira diferente, por muitas que sejam as semelhanças entre as formas de falar e dizer, porque cada pessoa domina a língua de forma diferente. Ambas as notícias ressentem-se necessariamente desse processo (Sousa, 2000) – dito por outras palavras, e de maneira simples, quem as redigiu usou as palavras que conhecia para as elaborar.

- Força dos dispositivos tecnológicos

**“Cada jornalista,
sempre que redige
uma notícia com
base nessa técnica,
dá sentido pessoal a
um acto profissional
e revalida, aos seus
próprios olhos, o seu
lugar no mundo.”**

- Os processos rudimentares de composição e impressão de textos não permitiam notícias muito grandes nem jornais com muitas páginas durante quase todo o século XIX. A primeira notícia ressentia-se dessa circunstância. A segunda beneficia dos processos actuais de composição e impressão.

Estamos convictos de que a análise baseada na teoria da notícia de Sousa (2000; 2002) pode ser aplicada a todas as notícias, pois, como vimos, virtualmente explica todas as notícias, a sua forma e os seus conteúdos. Como exemplo, poderemos fazer uma análise superficial de mais duas notícias:

Notícia 3

A ministra das Finanças anunciou hoje, em conferência de imprensa, o congelamento por dois anos na contratação de novos funcionários públicos e a não renovação dos contratos a prazo na função pública.

Manuela Ferreira Leite avisou ainda que o Governo está a ponderar o congelamento de salários na função pública pelo período de dois anos.

A ministra justificou as medidas com a necessidade de contenção do défice e de diminuição da despesa da administração central.

Notícia 4

Cerca de mil trabalhadores dos sindicatos da função pública afectos à CGTP manifestaram-se hoje, em Lisboa, exigindo a abertura de vagas, aumentos salariais de cinco por cento e a renovação dos contratos a prazo.

O secretário-geral da CGTP, Manuel Carvalho da Silva, argumenta que “o problema das finanças públicas é um problema de re-

ceita e não de despesa”. Por isso, “não podem ser os trabalhadores a pagarem pela incompetência que o Governo denota no combate à fuga ao fisco, às fraudes fiscais e às falências fraudulentas”.

Os manifestantes concentraram-se no Rossio e subiram a avenida da Liberdade até ao parque Eduardo VII, impedindo o trânsito nessas artérias.

O que as notícias 3 e 4 mostram, em particular, é que o espaço mediático é uma arena pública onde diversas entidades, algumas com acesso rotineiro aos media e outras sem essa capacidade, se digladiam e tentam fazer passar para o público os enquadramentos que desejam dar às notícias. As notícias acima inseridas têm, a propósito dos mesmos factos-base (a não renovação dos contratos a prazo, o congelamento de novas vagas e o possível congelamento de salários na função pública), enquadramentos diferentes. Isso demonstra que os jornalistas possuem margem de manobra para, num modelo Ocidental de jornalismo, negociar significados para as notícias, para publicar notícias com enquadramentos diferentes para os mesmos factos e para auscultar quem muito bem entendem a propósito das notícias que são publicadas, desde que não ultrapassem um quadro de controvérsia legítima (Shoemaker e Reese, 1996: 237). A notícia 4 acontece precisamente na intercepção da promoção do acontecimento pela entidade interessada (CGTP) com os valores cultivados pelos jornalistas ocidentais, designadamente os valores do equilíbrio do noticiário e da contrastação de fontes. Estamos, portanto, perante factores de impulsão, direccionamento e constrangimento de notícias de carácter multi-

“...os jornalistas possuem margem de manobra para (...) negociar significados para as notícias, para publicar notícias com enquadramentos diferentes para os mesmos factos e para auscultar quem muito bem entendem a propósito das notícias que são publicadas...”

mensional: culturais, ideológicos, sociais e mesmo pessoais.

Também é de realçar que, na notícia 4, entre mil manifestantes o jornalista preferiu falar com o secretário-geral da confederação intersindical. Os jornalistas preferem fontes pessoais (valor da personalização) representativas, o que confere autoridade à fonte e mais interesse e legitimidade ao respectivo discurso. A opção do jornalista releva também o valor que é dado ao critério de noticiabilidade da proeminência social das pessoas envolvidas – em mil possíveis fontes pessoais, escolhe-se aquela cuja proeminência social é maior.

De destacar igualmente que a notícia 3 pode ser entendida como um teste feito pela ministra para antever a reacção a determinadas medidas impopulares. No entanto, possui igualmente uma dimensão perlocutória (Austin, 1990), na medida em que a ministra faz alguma coisa (implementa a medida) pelo facto de a dizer (anuncia e amplifica e medeia através dos media).

Sem espaço para uma análise mais detalhada, podemos dizer que, genericamente, o que foi dito para as notícias 1 e 2 (sobretudo para a notícia 2) é válido para as notícias 3 e 4. Essas notícias:

- 1) São centradas em acontecimentos actuais relevantes para os portugueses em geral e em particular para a audiência que configura o mercado dos órgãos jornalísticos que as publicaram;
- 2) Resultam, no primeiro caso, de um pseudo-acontecimento e, no segundo caso, de um acontecimento mediático, denunciando a permeabilidade dos media aos acontecimentos rotineiros promovidos por entidades poderosas, credíveis e au-

torizadas e revelando que a burocracia mediática só pode ser alimentada rotineiramente por entidades burocraticamente organizadas;

3) Têm sentido e podem ser publicadas num estado de direito democrático como Portugal, sujeito a um modelo Ocidental de jornalismo, baseado, sobretudo, no binómio liberdade de expressão e de imprensa – responsabilidade editorial;

4) Mostram que os critérios de noticiabilidade, plasmados na cultura e na ideologia profissionais e nas políticas editoriais, regulam a selecção de informação (ambas as notícias resultam de acontecimentos actuais e com grande magnitude, uma vez que afectam bastantes pessoas; ocorrem próximo do leitor-alvo; centram-se em pessoas; têm um pendor negativo, etc.);

5) São relatos centrados em factos notáveis, narrados com intenção de verdade, enunciados com o propósito não transpor a fronteira da ficção, que se baseiam nas formas de narrar notícias que foram histórica, cultural, ideológica, organizacional e profissionalmente modeladas (técnica da pirâmide invertida, rede de facticidade, utilização de aspas, endossamento da responsabilidade das afirmações para as fontes, etc.);

6) São relatos que necessariamente possuem as marcas enunciativas de quem os produziu (palavras usadas, etc.).

7. Considerações finais

Estamos convencidos de que é tarefa dos estudiosos do jornalismo construir uma explicação unificada para as notícias, se é que os estudiosos do jornalismo querem ambiciosamente chegar a algum lado. Estamos também convencidos que de os estudos jornalísticos foram de tal

forma férteis que já nos deram matéria-prima suficiente para edificarmos essa explicação unificada de forma simples, breve e clara, como acontece em qualquer teoria científica, independentemente da complexidade da fundamentação da mesma. Estamos ainda convencidos de que qualquer notícia é fruto de condicionantes pessoais, sociais, ideológicas, culturais e históricas, do meio físico em que é produzida e dos dispositivos tecnológicos que afectam a sua produção. É possível, assim, explicar qualquer notícia em função da interacção dessas forças e prever que qualquer notícia que venha a ser enunciada e fabricada dentro do sistema jornalístico resultará igualmente da interacção dessas forças. Por isso, pensamos, e consideramos provado, que essas forças têm de estruturar uma teoria unificada do jornalismo. Quando uma notícia vier a contradizer a teoria, será, então, altura de rever a teoria e, eventualmente, de a substituir.

Jorge Pedro Souza

O autor é investigador e professor associado da Universidade Fernando Pessoa, nas áreas do Jornalismo (teoria, redacção e foto-jornalismo), Planeamento da Comunicação e Teoria da Comunicação. É doutor em Ciências da Informação pela Universidade de Santiago de Compostela (1997). Tem vários livros e artigos publicados sobre jornalismo e comunicação. Foi jornalista e assessor de imprensa antes de se dedicar em exclusivo à docência e à pesquisa.

Bibliografia

ÁLVAREZ, J. T. Historia y modelos de la comunicación en el siglo XX. El nuevo orden informativo. 2ª ed, Barcelona: Ariel, 1992.
AUSTIN, J. L. Quando Dizer é Fazer: Palavras e

- Ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BALL-ROKEACH, S. J. e DeFLEUR, M. J. A dependency model of mass media effects. *Communication Research*, 3(1): 3-21, 1976.
- _____. *Teorías de la Comunicación de Masas*. Barcelona: Paidós, 1982.
- _____. *Teorías de la Comunicación de Masas*. 2ª ed. revisada y ampliada. Barcelona: Paidós, 1993.
- CASASÚS, J. M. e LADEVÉZE, L. N. *Estilo y Géneros Periodísticos*. Barcelona: Ariel, 1991.
- ERICSON, R.; BARANEK, P. e CHAN, J. *Visualizing Deviance. A Study of News Organizations*. Toronto: The University of Toronto Press, 1987.
- GALTUNG, J. e RUGE, M. H. The structure of foreign news. *Journal of International Peace Research*, 1, 1965.
- HACHTEN, W. A. *The World News Prism. Changing Media of International Communication*. 4th ed. Ames: Iowa State University Press, 1996.
- McQUAIL, D. *Introducción a la Teoría de la Comunicación de Masas*. 2ª ed. revisada y ampliada. Barcelona: Paidós, 1991.
- MOLES, A. *Théorie de l'Information et Perception Esthétique*. Paris: Danoël, 1972.
- MOLOTCH, H. e LESTER, M. News as purposive behaviour: On the strategic use of routine events, accidents and scandals. *American Sociological Review*, 39, 1974.
- PHILLIPS, E. B. What is news? Novelty without change? *Journal of Communication*, 26 (4), 1976.
- RODRIGUES DOS SANTOS, J. *O Correspondente de Guerra, o Discurso Jornalístico e a História. Para Uma Análise da Reportagem de Guerra em Portugal no Século XX*. Tese de doutoramento submetida à Universidade Nova de Lisboa, 2001.
- RODRIGUES, A. D. *O acontecimento. Comunicação e Linguagens*, 8: 9-15, 1988.
- SCHLESINGER, P. *Newsmen and their time machine*. *British Journal of Sociology*, 28 (3), 1977.
- SCHUDSON, M. *The politics of narrative form: emergence of news conventions in print and television*. *Deadalus*, 111, 1982.
- _____. *Porque é que as notícias são como são?* *Comunicação e Linguagens*, 8: 17-27, 1988.
- SHOEMAKER, P. *Gatekeeping*. Newbury Park: Sage Publications, 1991.
- _____.; REESE, S. *Mediating the Message. Theories of Influences on Mass Media Content*. 2nd ed. [1ª ed. 1991]. White Plains: Longman, 1996.
- SIGAL, L. V. *Reporters and Officials: The Organization and Politics of Newsmaking*. Lexington: D. C. Heath, 1973.
- SOUSA, J. P. *Fotojornalismo Performativo. O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 1977.
- _____. *As Notícias e os Seus Efeitos*. Coimbra: Minerva Editora, 2000.
- _____. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.
- _____. *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003.
- STOCKING, S. H. e GROSS, P. H. *How Do Journalists Think. A Proposal For the Study of Cognitive Bias in Newsmaking*. Bloomington: ERIC Clearinghouse on Reading and Communication Skills, 1989.
- TRAQUINA, N. *As notícias. Jornalismo - Comunicação e Linguagens*, 8:29-40, 1988.
- _____. *As Notícias*, in TRAQUINA, N. (Org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.
- _____. *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2001.
- TRAQUINA, N. *Jornalismo. Coleção O Que É*. Lisboa: Quimera, 2002.
- _____. (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.
- TUCHMAN, G. *Objectivity as strategic ritual: An examination of newsmen's notions of objectivity*. *American Journal of Sociology*, 77(4): 660-679, 1972.
- _____. *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press, 1978.
- VIZEU, A. *O jornalismo e as "teorias intermediárias": Cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da análise do discurso*. *Actas do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [CD-ROM]*, celebrado em Belo Horizonte. São Paulo: INTERCOM, 2003.